

PATRÍCIA
FONSECA

A verdadeira crise

Não tenho boas notícias. Não inventei um novo modelo de negócio para salvar os jornais da bancarrota, nem sei como vamos (ou se vamos...) ultrapassar esta crise. O que tenho para partilhar convosco são apenas as minhas inquietações sobre uma outra crise: a dos valores que jurámos honrar no exercício desta profissão.

Para começar, já viram como num espaço muito curto de tempo mudou o próprio conceito de 'notícia'? Como os *fait-divers* que antes ocupavam tímidas colunas no fim dos cadernos agora já têm espaço nas primeiras páginas? Como as historietas 'engraçadas' que rematavam os telejornais conquistaram terreno e marcam todos os alinhamentos? Falo dos encontros românticos do Ronaldo ou do cão pernetas que faz surf. Terão estas 'estórias' dignidade para serem 'notícia'? Nós vamos dizendo que não... mas viramos a página, com um encolher de ombros.

Essas nem são as piores 'notícias', garantimos à nossa voz inconformada. Verdadeiramente grave é termos deixado que outros escolham por nós o que é notícia, que tenhamos permitido que agências de comunicação e assessores políticos ditem a agenda das redacções. Basta folhear os principais jornais, ver e ouvir os noticiários das rádios e televisões para percebermos que mais de metade das 'notícias' são, mais vírgula menos vírgula, todas iguais. Nós até já 'reportamos' o que se passa em 'conferências de imprensa' sem direito a perguntas... Deveríamos aceitar esta situação? Nós vamos dizendo que não... mas viramos a página, com um encolher de ombros.

Até porque, pensamos, ainda mais assustador é verificar que até algumas 'notícias' exclusivas foram, demasiadas vezes, também elas ditadas por interesses que pouco ou nada têm que ver com o interesse jornalístico. Falo das 'investigações' baseadas apenas em fontes anónimas, ou numa única fonte - algo que vai completamente contra tudo o que aprendemos nos manuais de jornalismo mas que, nos últimos anos, enxameiam até as páginas dos jornais ditos 'de referência'. Deveriam os editores e directores, bem como os conselhos de redacção, fechar os olhos a esta realidade? Nós vamos dizendo que não... mas viramos a página, com um encolher de ombros.

É preciso ter em conta que há cada vez menos jornalistas nas redacções, que houve centenas de despedimentos na última década, que as edições se fazem com cada vez menos meios. É verdade. Mas será essa uma justificação aceitável para fazermos menos

bem o nosso trabalho? Senão vejamos: pagar uma viagem, ainda que de metro, para ir entrevistar alguém quando se pode telefonar? Telefonar quando a 'figura pública' já escreveu o que pensa no facebook? Largar o facebook e andar na rua, a sentir o mundo real? Para quê? Não vai tudo dar ao mesmo? Nós sabemos que não... mas vamos encolhendo os ombros.

Além disso, a verificação e confirmação das informações está a cair em desuso, na era da Internet. Não há tempo para ouvir tudo e todos! Avança-se com a 'notícia' e depois, se for preciso, faz-se uma 'actualização'. O que aconteceu à máxima "é melhor estar certo do que ser o primeiro a estar errado"? Deixou de fazer sentido? Nós sabemos que não... mas continuamos a encolher os ombros.

E assim vamos destruindo aquele que é o verdadeiro capital do jornalismo: a credibilidade. Quando aceitamos meter numa mesma edição (no mesmo saco, portanto) notícias e *fait-divers*, entrevistas e fretes, publi-reportagens mascaradas e investigações encomendadas, estamos a misturar o imisturável - como se fosse possível diluir azeite em água. Mas o azeite, substância opaca, densa e que tudo suja, é facilmente detectada na água transparente e límpida, que tudo revela. Os cidadãos não são tolos e também avistam as gotas gordurosas boiando. E são cada vez mais aqueles que vão dizendo: dessa água não bebo, obrigado.

Não nos iludamos: o que está a divorciar os cidadãos dos meios de comunicação tradicionais não é a crise mas esta crise de valores, este espezinhar diário e constante do nosso código deontológico. Somos nós que estamos a fazer mal o nosso trabalho, que vamos falhando diariamente na missão de informar (e de investigar, de expor, de revelar), que estamos a trair a herança que nos foi deixada pela geração que nos libertou da censura.

Sei que sou apenas uma gota de água. Mas sei também que muitas gotas podem formar um mar imenso, de vagas bravas. É hora de dizer basta. Um jornalista é - deve ser - um ser inconformado. Não é admissível que, em tempos tão decisivos para o nosso futuro, haja um só de nós que volte a encolher os ombros. ■